



GILBERTA BENSABATH 1924 - 2020

É com grande pesar, que informamos o falecimento da pesquisadora Dra. Gilberta Bensabath, em decorrência da COVID-19, aos 95 anos de idade. Essa é uma imensa perda para a ciência no Brasil e no mundo.

A pesquisadora trabalhou no IEC, desde 1960, iniciando seus trabalhos no *Belém Virus Laboratory*, tendo estudos importantes que culminaram na prevenção e no esclarecimento clínico, epidemiológico e etiológico das hepatopatias fulminantes da Amazônia brasileira, além de outras relevantes contribuições científicas na área da saúde.

No período em que esteve como diretora do IEC (1975-1979), a pesquisadora deixou como legado a criação das Seções de Patologia e Biotério, implantação do Centro Nacional de Primatas e a aquisição do terreno que se tornaria a SEDE do IEC.

Reiteramos o sentimento de gratidão e solidariedade, neste momento de imenso pesar, a todos os familiares, amigos e colegas de profissão. Esta edição especial do Informativo IEC/CENP tem o objetivo de registrar e enaltecer a nobre trajetória dessa grandiosa pesquisadora, que deixou um legado inestimável na saúde pública amazônica, brasileira e mundial.

GILBERTA BENSABATH: médica epidemiologista dedicou sua vida à assistência e pesquisa às doenças tropicais na Amazônia

Com uma vida dedicada à ciência, Dra Gilberta Bensabath nasceu em 30 de Julho de 1924, no interior do Acre, no alto Juruá. Com apenas 5 anos de idade, a jovem se mudou com a sua família para Belém devido ao tratamento de malária da sua mãe. Alfabetizada na capital paraense, Gilberta sempre mostrou suas habilidades. Ainda no fundamental recebeu uma medalha de honra ao mérito com melhor aluna da escola no Grupo Escolar José Veríssimo e também estudou no ensino médio no Colégio Estadual Paes de Carvalho.

Com 20 anos, a futura pesquisadora, iniciava o curso de Medicina na Faculdade de Medicina e Cirurgia na Universidade do Pará (hoje UFPA). Dentre os 50 alunos que adentraram a Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, em 1944, havia apenas quatro mulheres. Duas concluíam, em 1949. Uma delas: Gilberta Bensabath. Após uma graduação exemplar, logo em seguida no ano de 1950, Dr. Orlando Rodrigues, pesquisador do IEC, encaminhou a jovem médica para integrar o quadro do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP).

Com isso, a Dra. Gilberta Bensabath ficou entre os anos de 1951 a 1959 no interior da Amazônia, primeiramente no município de Alenquer, no Baixo Amazonas e mais tarde no município de Tomé-Açu, na região do nordeste



Francisco Pinheiro, Gilberta Bensabath e Amélia Travassos da Rosa, anos 70



Dra. Gilberta acompanhada do Dr. Edivaldo Loureiro e do técnico Lindomar Vasconcelos em trabalho de campo em Carajás, ano 2005

paraense. Nesse período a doutora chefiou os postos de saúde locais, trabalhando com a assistência para a comunidade, educação sanitária. Um das principais preocupações da Dra. Gilberta foi com os aspectos preventivos das doenças. Tanto que em Alenquer a médica consegue deixar, em fase de implantação o sistema de abastecimento de água, antes de sua saída. Um feito tremendo para as dificuldades da época. Sabemos, por conversas com Gilberta, do orgulho que carregava pelo fato de por suas mãos passarem, como infantes ou membros do Clube de Saúde que ela ajudou a organizar, vários colegas oriundos dos interiores onde trabalhou. Esimulados que eram pelo exemplo dela.

O INÍCIO DA TRAJETÓRIA NO IEC

Em 1960, a partir de sua vasta experiência de campo e o interesse em continuar seus estudos, a pesquisadora é transferida para o Instituto Evandro Chagas, no staff do Belém Vírus Laboratory, unidade vinculada à fundação Rockefeller que atuava com investigações sobre viroses. Com treinamento do técnico de laboratório Joaquim Medeiros Contente, sob orientação de Ottis Causey e Robert Shope acerca das atividades de inoculação e instruções da Dra. Amélia Andrade sobre as atividades de sorologia, a Dra. Gilberta iniciava o seu trabalho na instituição. Nesse período, a pesquisadora também fez uma especialização em Microbiologia Pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Durante a década de 1960, o Belém Virus Laboratory foi acionado, devido a um surto de uma grave doença, com aspectos semelhantes à Febre Amarela, que matou várias crianças que moravam em localidade que cercavam o Rio Purus. A Dra. Gilberta Bensabath foi responsável pelos estudos na região e em parceria com outros profissionais



Gilberta Bensabath e Le Bouvier, Universidade de Yale, EUA, anos 70

conclui que a doença era uma hepatite diferente das demais conhecidas da época.

A partir das descobertas de Blumberg (Antígeno Austrália como agente viral da hepatite B em 1967), Feinstone (Vírus da Hepatite A) e Rizzetto (Descoberta do vírus Delta – vírus defectivo que dependia do vírus da Hepatite B para se replicar) ajudaram que a Dr^a. Gilberta Bensabath compreendesse as peculiaridades da hepatite de Lábrea.

Para a continuação de seus estudos sobre o surto ocorrido na região do Purus, a Dr^a Gilberta Bensabath realiza atividades na condição de pesquisadora visitante na University of Yale nos EUA em 1970 sob a orientação de R. McCollum. Em parceira com Boshell, ela consegue incluir a referida região como hiperendêmica em referência ao Antígeno Austrália.

Até o ano de 1975, a Dr^a Gilberta Bensabath atuou em estudos significativos sobre arboviroses sendo os principais referentes à febre do Oropouche, febre amarela e síndrome hemorrágica de Altamira. Além dos estudos realizados no Alto Purus destacam-se os trabalhos realizados ao longo da rodovia Transamazônica, rodovia Belém-Brasília, Projeto Humboldt, Síndrome Hemorrágica de Altamira, Mayaro e Rio Negro.

PIONERISMO E AVANÇOS PARA O IEC

Em 1975, após várias mudanças administrativas, O IEC é reintegrado à Fundação SESP – FSESP e a Dr^a Gilberta Bensabath foi convidada para assumir a direção da instituição. A pesquisadora foi à primeira diretora mulher da instituição. Na sua gestão, a pesquisadora obteve importantes avanços para a instituição, como a criação das Seções de Patologia - SAPAT e de Biotério – SACPA, além da padronização dos estágios no IEC, a implantação do Centro Nacional de Primatas – CENP, o número de

pesquisadores foi duplicado e a obtenção do terreno em Ananindeua, onde hoje funciona o IEC.

Após o período em que esteve sob a direção do IEC, a Dra Gilberta Bensabath instala em Boca do Acre/AM um campus avançado do IEC. Ela coordenava uma equipe competente responsável em estudar a hepatite de Lábrea em seus diversos aspectos. Decorrente desse trabalho, em 1985 a Dr^a Gilberta Bensabath novamente realiza atividades nos EUA como pesquisadora visitante, mas agora no Centers for Disease Control – CDC em Atlanta. Os resultados de sua pesquisa definiram o perfil etiológico da Febre Negra de Lábrea e das hepatites fulminantes da Amazônia Ocidental Brasileira, além de ratificar a importância das infecções pelo vírus da hepatite Delta.

No período de 1989 a 1994 a pesquisadora coordenou os estudos sobre imunogenicidade, eficácia e efetividade da vacina contra hepatite B, além de outras vacinas do Programa Nacional de Imunizações (PNI). Essa ação é considerada como o início do controle da hepatite B no Brasil. O seu trabalho em Boca do Acre/AM durou, portanto, quinze anos e lhe rendeu o título (homenagem) conferido pela Câmara Municipal do município de “Cidadã Bocacrense” em 1989.



Dra. Gilberta e equipe do IEC, em Boca do Acre, Amazonas, 1989.

Além dessa homenagem, a Dra Gilberta Bensabath recebeu honrarias nas quais podemos destacar: Medalha e Diploma do Saneador do Rio de Janeiro – Instituto Oswaldo Cruz; Medalha “Oswaldo Cruz” – Conselho Estadual de Cultura do Pará; Medalha comemorativa do 10º aniversário do Conselho Estadual de Saúde do Pará; Placa de agradecimento – Associação profissional dos Farmacêuticos do Estado de Rondônia; Medalha do Cinquentenário do IEC; Medalha e Diploma da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará; Médico do ano – Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará; Oficial da Ordem do Mérito Médico; Presidente de Honra do VII Simpósio Brasileiro de Vacinas;



Dra. Gilberta recebendo título de Doutor Honoris Causa do reitor da Universidade do Estado do Pará, Juarez Quaresma, 2013.

O TRABALHO CONTINUA

Em 1994 a Dr^a Gilberta Bensabath se aposenta, mas não se afasta das atividades profissionais no IEC. Participou ativamente do Conselho Técnico Científico – CTC do IEC, da implantação da Biossegurança na instituição e elaborou o projeto de criação do Serviço de Epidemiologia – SEVEP. O SEVEP tinha como intuito centralizar a recepção e a coleta de amostras biológicas do IEC proporcionando dados estatísticos que contribuíssem com estudos epidemiológicos. Assim, evitava que um paciente tivesse que passar por várias seções para que sua amostra fosse coletada.

Entre os anos de 2000 a 2015 a Dra. Gilberta Bensabath esteve na chefia do SEVEP. No período em que esteve à frente do SEVEP coordenou a pesquisa “BUTANG” (2001-2003). Esse estudo era referente aos aspectos em adolescentes e adultos da pesquisa multicêntrica sobre a comparabilidade e imunogenidade e segurança de duas vacinas recombinantes com a hepatite B em parceria com o Instituto Butantan.

Também implantou e coordenou em parceria com a Companhia Vale o Projeto Salobo (2006-2009) que avaliava a situação saúde-doença nas áreas de influência em Carajás/PA e estudava a corrente do ecossistema local e dos movimentos migratórios em Parauapebas/PA.

Em 2015, a pesquisadora passou a trabalhar na Seção de Hepatologia do IEC contribuindo com as demandas institucionais e dedicou seus últimos momentos para escrever a sua autobiografia. Assim, percebe-se que a pesquisadora tem uma imensurável importância para a

história da ciência do país.

A condução de suas atividades sob o “guarda-chuva” do IEC marca indelevelmente a sua fase científica. Muitas são as honrarias acumuladas durante o seu percurso profissional. Sabe-se que sempre guardou com carinho e zelo cada uma delas, desde aquelas de reconhecimento comunitário, como é o caso do título de Cidadã Bocacrense, conferido pela Câmara Municipal de Boca do Acre, Amazonas, bem como o grau de Grande Oficial da Ordem do Mérito Médico, conferido por Decreto Presidencial, além do título de Doutor Honoris Causa, pela Universidade do Estado do Pará. É, enfim, daquelas pessoas que fizeram e fazem da pesquisa em saúde seu motivo de vida.



Campus do IEC em Ananindeua que deverá receber o nome da Dra. Gilberta Bensabath.

CAMPUS DE ANANINDEUA RECEBERÁ O NOME “GILBERTA BENSABATH” EM HOMENAGEM À PESQUISADORA

Ressaltando que em sua gestão quando diretora do IEC, foi doado o terreno em Ananindeua, pela prefeitura do município e diante de todo o feito aqui descrito sobre a pesquisadora, nada mais justo que o Campus do IEC em Ananindeua seja rebatizado como “Campus Dra. Gilberta Bensabath”.

Referência: Esse texto teve como base às informações disponibilizadas no Fundo Gilberta Bensabath disponível em:

<https://memory.iec.gov.br/background-view/112>

Contribuições de: Manoel Soares, Pedro Vasconcelos, Giselle Rachid Viana, Lívia Carício Martins, Francisco Soares Chagas Neto.

Arquivo do Instituto Evandro Chagas disponibiliza todo o acervo da pesquisadora Gilberta Bensabath online

Desde abril de 2019, após dois anos de pesquisa e tratamento do acervo. O Arquivo do Instituto Evandro Chagas, subordinado ao Serviço de Administração disponibilizou todo o acervo arquivístico do “Fundo Gilberta Bensabath”, com o objetivo de ampliar o acesso à informação, e para fins de pesquisa.

O arquivo foi doado pela Dra. Gilberta Bensabath em 2015, e após entrevistas e pesquisas, o acervo foi tratado e digitalizado para a plataforma Memory, sendo dividido em quadro grupos.

O primeiro deles é o “Grupo de Vida Pessoal”, onde é possível ter acesso a acervos pessoais da pesquisadora, como título de eleitor, cartas, além de acompanhamento do Estado de Saúde e atividades financeiras.

Outro grupo, diz respeito às atividades profissionais

da pesquisadora, como administração da carreira, participações em atividades associativas, atividades de avaliação e consultoria, além de trabalhos acadêmicos e pesquisas desenvolvidas ao longo da carreira.

Os outros dois grupos, em que estão divididos o acervo da Dra. Gilberta Bensabath são de aperfeiçoamento, dedicados a formação educacional da pesquisadora, e de homenagens, as quais Dra. Gilberta recebeu ao longo da vida.

Para ter acesso ao acervo da pesquisadora, basta acessar <https://memory.iec.gov.br/home>, fazer o cadastro e entrar no aba de fundos. Nessa seção, também estão disponibilizados o acervo do Dr. Ralph Lainson e José Maria de Souza.

RECONHECIMENTO

Abaixo temos alguns textos de reconhecimento ao importante trabalho desenvolvido pela Dra. Gilberta Bensabath.

Foi com pesar que fui surpreendido hoje, durante as minhas férias, com o falecimento nesta quarta-feira, 13, da médica Gilberta Bensabath, bacteriologista, ex-diretora do Instituto Evandro Chagas (IEC). Dra. Gilberta foi pesquisadora e o reconhecimento ao seu trabalho se estende para além das fronteiras brasileiras. Com vasta experiência na área de Saúde Coletiva, dedicou longos anos à pesquisa de doenças tropicais no Amazonas. Gilberta tinha 95 anos e ingressou no IEC em 1960.

Nossos sentimentos a todos os seus familiares, amigos e colegas que conviveram diretamente com a Dra. Gilberta durante a sua atuação profissional. Sem dúvida, deixará uma lacuna no coração de todos que a conheceram.

Wanderson Oliveira

Secretário de Vigilância em Saúde



Recebi hoje a notícia muito triste do falecimento de nossa amiga Dra. Gilberta Bensabath, pelo Covid-19. Estou triste, e posso dizer que experimentei esta doença, o Covid-19, onde fui internado por 13 dias, sendo 4 na UTI. Mas estou bem. Uma doença silenciosa, pois na semana passada tive notícia que ela (Gilberta) estava com Covid-19, mas na forma leve. Sempre terei um respeito muito grande pela Dra. Gilberta, Mulher de fibra, e sabia lutar de sua maneira para atingir seus objetivos. Tive o privilégio de conhecer um pouco desta pesquisadora. Fui admitido no Instituto Evandro Chagas, em 1976, quando

ela foi Diretora da instituição. Foi ela que me passou as primeiras regras da caminhada Científica.

Dra. Gilberta, acreana, veio cedo para o Pará, 6 anos de idade, em 1924. Estudou medicina na atual UFPA, e se graduou em 1949.

Sempre se preocupou em melhorar as condições de saúde pública das populações da Amazônia. Nesta área se especializou, se capacitou, produziu diversos artigos científicos de impacto à melhoria da saúde pública no Brasil e no mundo. Desce cedo, 1960, iniciou suas pesquisas no Instituto Evandro Chagas, e na época teve uma importante contribuição de um grupo americano, que culminou na implantação das pesquisas em Arbovirologia, no Brasil. Ela participou deste início, tendo se dedicado às pesquisas com Febre Amarela e outras arboviroses, seguida da pesquisa de uma doença desconhecida até então, no mundo, a “Febre Negra de Lábrea”, uma hepatite fulminante. Ela teve o privilégio, em parceria de um grupo americano, de descobrir o agente desta doença, o Vírus Delta. Eu tenho muito orgulho de ter conhecido a Dra. Gilberta, e poder aprender com ela o que é preciso se dedicar às pesquisas em saúde pública. Ela deixou uma contribuição muito importante para a Ciência, com as pesquisa sobre vacinação da hepatite B, na Amazônia.

Edvaldo Loureiro

Diretor do IEC no período de 2003-2005

Recebo - profundamente consternado - a notícia do falecimento da nossa querida doutora Gilberta Bensabath. Em tempos tão sombrios dessa inusitada pandemia, a expressão corrente de que os números parecem aos poucos transmutar-se em nomes toca-nos de forma pungente, mormente quando vemos partir alguém com quem por décadas tivemos o privilégio de conviver no IEC – a admirável, inesquecível doutora Gilberta. Então Diretora do IEC, eu lembro bem de que foi quem me recebeu – e aí já se vão quase 45 anos –, quando era admitido como médico da Fundação SESP. Sorriso largo e cativante, inteligência privilegiada, entusiasmo contagiante por seu trabalho - marcas que persistirão indelévels na memória de tantos quantos usufruíram do seu convívio profissional. E quase ia esquecendo: a bela, inconfundível caligrafia dos seus textos, não raro manuscritos, que nos exibia com invulgar entusiasmo ao relatar o que estava produzindo...

Entusiasta fervorosa dos estudos de campo - característica marcante e inigualável do IEC ao longo da sua história -, pioneira e protagonista nas pesquisas sobre hepatites virais na Amazônia, idealizadora de um (então) Serviço de Epidemiologia, mentora dedicada e responsável pela formação de uma valorosa equipe de profissionais que mantêm a excelência do trabalho de sua mestra maior. Enfim, fica um legado apreciável, um singular exemplo a prosseguir inspirando gerações de pesquisadores, uma frutuosa história que se confunde com a própria história do nosso Instituto Evandro Chagas. Fica a imensa saudade... Que o Altíssimo a acolha em sua morada eterna!

Alexandre da Costa Linhares

(ou simplesmente “Alexandre”, como assim me chamava a saudosa mestra...)

Diretor do IEC no período de 1981-1987



Trabalhar com a doutora Gilberta significou uma experiência de vida, de uma pessoa que era super dedicada, e esforçada e acima de tudo era humana. Desde 1961 até 2005 a gente trabalhou juntos, e mesmo depois de 1995 quando eu me aposentei, continuei trabalhando com ela. Mesmo quando eu não tinha dinheiro, eu continuava trabalhando com em ela.

Uma pessoa que você podia contar a todo instante. Trabalhos em Boca do Acre, Febre de Lábrea. Ela foi uma desbravadora da transamazônica, com o Dr. Pinheiro, e de 15 em 15 dias alguém passava lá com a gente. A gente sempre estava unido.

A vida dela foi o Instituto Evandro Chagas, ela sempre se dedicou ao Instituto.

Lindomar de Souza Vasconcelos

Servidor aposentado



Falar da Dra. Gilberta Bensabath não é difícil, o difícil é terminar de falar. Ela é mais do que um compêndio de saberes e de bons exemplos como profissional. Quando entrei pro IEC (final dos anos 1980), logo me admirei de uma mulher destemida, que àquela altura se dedicava aos estudos das hepatites virais. Fazia-o com tanto afinco que nada lhe era obstáculo, apesar de ter assentado suas pesquisas em lugares remotos dessa imensa Amazônia, cheia de seus mistérios, segredos e barreiras geográficas e climatológicas só a ela peculiares.

A convivência com Dra. Gilberta me rendeu muitos aprendizados, e nunca me achei capaz de substituí-la a frente do Serviço de Epidemiologia (SEVEP) cuja criação foi um dos grandes legados dela. E após a criação do SEVEP, não só desenhou como acompanhou a construção do prédio onde hoje são exercidas as atividades do Serviço. Ao desenhá-lo já deixava bem clara sua sábia intenção de criar um único ponto dentro da instituição para onde fossem dirigidas as pessoas que buscavam diagnóstico no IEC (o SOAMU). Uma visionária. Lutou por isso e pela CEREC (a Central de Recebimento de Amostras).

Essas são apenas um punhado das menções devidas a ela em sua brilhante e vitoriosa trajetória nesse misterioso mundo científico. Como agradecimento à sua inestimável contribuição à instituição pela qual tanto lutou, não podemos deixar de homenageá-la com o nome do prédio do SEVEP. Dra. Gilberta deixa saudades e deixa também uma autobiografia inacabada, que infelizmente não teve tempo de concluí-la. Este é outro grande pesar da sua perda, pois era enorme a nossa expectativa por esse que seria seu último produto científico.

Francisco Lúzio de Paula Ramos

Chefe da Serviço de Epidemiologia do IEC



Foi e sempre será ícone da saúde pública. A ela que dedicou a vida à pesquisa, porque sonhava salvar o mundo por meio da ciência, o Centro Nacional de Primatas registra aqui seu sincero agradecimento.

-Gilberta Bensabath
1924 - 2020



Admirável Pesquisadora Dra. Gilberta Bensabath, A querida Dra. Gilberta cumpriu sua missão com dignidade, seriedade, dedicação e competência.

Deixou um admirável exemplo a ser seguido por todos que compartilharam suas vivências, tanto pessoal como profissional.

Honrou as oportunidades que lhe foram confiadas e leva uma bagagem espiritual repleta de virtudes morais e conquistas na área científica.

“Dra. Gilberta foi quem me recebeu no primeiro dia em que cheguei para trabalhar no Centro Nacional de Primatas”, disse Dr José Augusto Muniz.

“O dela tão sonhado Centro de Primatologia da FSESP”, como ela dizia com tanto entusiasmo.

Muniz continuou “Tudo que conversávamos era motivo de alegria e uma visão forte e ampla do que se tornaria o CENP. Isso por conhecer outros grandes Centros de Primatologia espalhados pelo mundo, que focavam principalmente em exportação de animais, objetivo este que não era visionado pela Dra. Gilberta, que pretendia tornar o CENP um Centro mundialmente conhecido por sua pesquisa e conservação animal.”

Juntamente com o Dr. Beloto, primeiro diretor do Centro Nacional de Primatas, Mr. Kingston, especialista na implantação de centros de primatologia no mundo, e Dr. José Augusto Muniz, que a pouco haviam chegado, começaram a fazer planos, traçar ideias, e contatar pesquisadores renomados para que o novo Centro de Primatologia do Brasil se desenvolvesse.

Ela, Dra Gilberta, sempre se entusiasmava com qualquer pequena obra na construção das futuras instalações. Já imaginava o acolhimento das espécies de interesse científico, advindos das várias viagens de incursão feitas pelo grupo na Amazônia.

Tivemos conosco outra importante incentivadora do projeto de implantação do CENP, Dra. Corinha Fisher, responsável pelo IEC e CENP na estrutura da FSESP.

Dra. Gilberta, pesquisadora determinada, forte e visionária, que sempre nos incentivou a seguir os passos

do Mr. Kingston e Dr. Beloto.

Poderia ficar escrevendo e escrevendo sobre o quanto foi, e ainda é, importante para o desenvolvimento do Centro Nacional de Primatas.

Dra. Gilberta merece todas as homenagens por tudo o que representou entre nós.

Vai Gilberta, te eterniza no paraíso.

José Augusto Muniz

Liliane Almeida Carneiro

Centro Nacional de Primatas



Professora Gilberta Bensabath, minha amiga e mestra.

Com os olhos molhados e um sorriso insistente. É assim que me sinto ao percorrer as memórias de nossa expedição a Lábrea, no estado do Amazonas, promovida para preparar a primeira revisão de literatura sobre a Febre Negra de Lábrea, que hoje é uma das hepatites virais.

Era 1980, quando partimos para Lábrea com a professora Gilberta, eu, um estudante de medicina da Universidade Federal do Pará, e o Professor Dr. Luiz Carlos da Costa Gayoto, da Unidade de Fígado da Universidade de São Paulo (USP).

Foram duas semanas absolutamente ímpares na minha formação. Tive a enorme satisfação de aprender com as ações daquela mulher que andava entre o povo, que a amava e a reverenciava. Ela sabia o nome e história de vida de cada pessoa que ela examinava. Não era uma consulta. Era uma lição de amor e dedicação.

Gratíssimo, amiga Gilberta, pela honra de ter podido conviver com você e chamá-la de amiga

Do seu aluno,

Gerson Penna

Médico e Pesquisador Pleno da Universidade de Brasília, Pesquisador Associado do Centro de Referência Nacional em Dermatologia (Fortaleza-CE) e Docente em Políticas Públicas em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz.



Dra. Gilberta, referência em nosso país, em nossa ciência e em nossa humanidade não foi vencida por este vírus porque, por mais triste que seja, ela deu a vida por ele e vai dar mais motivos de se encontrar um caminho. Mostra que apesar de tudo, seres humanos, criador e criatura sempre estarão no limite de sua existência. Um não viveria sem o outro. O IEC e a virologia estão de luto!

Saudades!

Marinete Póvoa

Diretora do Centro Nacional de Primatas no ano de 2015